

Memórias (de) educadoras: os percursos que nos fizeram ser quem somos e a nova situação educacional.

CEI Vila Inglesa - unidade parceira
SME-SP/DRESA

Paula de Camargo Penteado – Coordenadora Pedagógica
Cristiane Nara Prado – Diretora

Justificativa

Localizado na Zona Sul do município de São Paulo, em uma região cercada por comunidades, cortiços e casas de classe média e de famílias mais vulneráveis, o CEI Vila Inglesa completou 26 anos de existência em 2020. Durante esse período, a instituição consolidou um trabalho reconhecido pela comunidade. Em 2019, passamos por um processo importante de formação e estudo sobre planejamento e registros na Educação Infantil, debatendo mini-histórias e Diários de Bordo, organizando um novo Plano Semanal de forma coletiva.

Também realizamos o plano de ação formativa para o ano seguinte coletivamente, por meio de um formulário do Google, no qual todas as professoras optaram pelos temas que gostariam de se aprofundar em 2020. Um dos temas levantados pela equipe para discussão e que inclusive constava na primeira versão da minha Carta de Intenções enquanto coordenação pedagógica era a cultura: o que é e como fazer a seleção de produções para crianças e bebês. Ao se deparar com isso, fiz um levantamento de museus e centros culturais que poderiam ser visitados pelas professoras como parte da formação, uma vez que a região em que o CEI está (Cidade Ademar) não conta com nenhum aparato cultural institucional.

Todavia, em março de 2020, ainda durante o acolhimento e processo de adaptação dos bebês e crianças, com pouco menos de dois meses de atendimento à comunidade, entramos em recesso por conta da pandemia do novo coronavírus. No dia 13 de abril de 2020 iniciamos uma fase nova para toda a equipe e comunidade: o atendimento remoto aos bebês e crianças da unidade. Com isso, nós, enquanto equipe pedagógica, debatemos as muitas questões que envolveriam esse atendimento e a necessidade de não sobrecarregarmos as famílias e crianças com

vídeos, por exemplo, uma vez que crianças menores de dois anos não devem ser expostas à telas, como sujeitos passivos.

Em meio aos debates sobre as mudanças na educação e as incertezas com o “ensino à distância” na Educação Infantil, observamos a necessidade de fortalecer a equipe pedagógica, questionando a importância das nossas formas de registros e das nossas ações para a construção da história e da nossa própria cultura, possibilitando o empoderamento das professoras enquanto grupo. Com isso, discutimos a respeito da essencialidade dos Diários de Bordo nesse momento, que assumem caráter de documento histórico ainda mais importante, pois neles estão as reflexões a respeito das mudanças vivenciadas pela escola e pelos sujeitos dela, os educadores.

A partir da discussão a respeito da importância dessa forma institucional de registro, somada à discussão da arte, sempre muito presente no grupo, percebeu-se que antes de debater a escolha de expressões culturais para bebês e crianças pequenas, deveria ser trabalhado a cultura no geral. Para isso, utilizando-me do momento histórico vivido com a pandemia, trouxe para o centro do debate as mortes de alguns artistas, como Aldir Blanc e Abraham Palatnik. Coletivamente conhecemos e revisitamos músicas e obras e nos propusemos a visitar coletivamente e de forma remota um museu.

Durante a pesquisa de qual museu poderiam visitar, me deparei com o Museu da Pessoa, com o qual tive contato durante a faculdade. Ao analisar a proposta da instituição percebeu-se que condizia com o que vínhamos discutindo nas reuniões pedagógicas, nas quais debatia-se sobre a necessidade de se ver enquanto sujeitos da história. Sendo assim, propus para as professoras que a visita fosse a esse museu. Com o aceite da equipe, que observou as relações entre a discussão sobre a valorização das experiências de vida para o desenvolvimento de nossa própria história e da sociedade, iniciamos a montagem da visita e do projeto intitulado **Memórias (de) educadoras**, que traz como inspiração Paulo Freire (2015), Bosi (1979) e outros autores. “Afinal, a minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (FREIRE, 2015, p. 53).

Problematização

Com a necessidade do isolamento social colocada pela pandemia da COVID-19, não apenas o atendimento aos bebês e crianças, como também as formações de professores passaram a ser realizados de forma remota. Para tanto, utilizamos as ferramentas sugeridas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo. Durante as reuniões, as leituras e devolutivas dos Diários de Bordo, forma de registro que se manteve durante a suspensão dos atendimentos, percebeu-se que as professoras estavam bastante fragilizadas pela situação vivida pelo mundo em geral e pela educação em particular, especialmente pela Educação Infantil.

Com isso, as discussões seguiram-se no sentido de mantermos a firmeza de princípios que sempre foi característica do CEI. Nesse sentido, não cedemos às pressões da sociedade por vídeos diários em redes sociais ou com o envio de “tarefas” a serem realizadas por responsáveis e crianças. Falamos muito sobre o acolhimento, sobre a necessidade de compreender a realidade vivida pelas famílias e de se colocar à disposição delas, mostrando de fato como funciona a rede de apoio da qual fazem parte as escolas.

Ainda assim, a insegurança em estar longe dos bebês e crianças se fazia presente, o que é natural, uma vez que o fazer do professor exige a presença do outro. Percebendo isso, criou-se um diálogo permanente por meio dos Diários de Bordo e das reuniões pedagógicas a respeito da importância do momento que vivíamos e o papel do professor de Educação Infantil em meio a tudo isso. Falamos sobre como a discussão acerca da educação está na ordem do dia, já que todos discutem o assunto e concluiu-se que os professores precisam tomar a frente desse debate, para que tenhamos chance de fazer com que a concepção de educação emancipadora se sobressaia.

Freire (2015, p. 52) coloca que sabe “[...] que as coisas podem até piorar [...]”, mas sabe “[...] também que é possível intervir para melhorá-las.”. Nesse sentido e com a fé inabalável na educação e na equipe do CEI Vila Inglesa, construiu-se esse projeto em companhia daquelas que, a cada dia me fazem ser melhor. Na esperança de que, empoderadas de sua trajetória de vida e de educadoras, possam ver-se

enquanto sujeitos capazes de agir sobre o mundo, transformando-o em um lugar cada vez mais humano e acolhedor para adultos e crianças.

Objetivos

Objetivo Geral: transformar a memória pessoal e involuntária em memória histórica, social e voluntária em busca de mudanças.

Objetivos Específicos: reconhecer-se enquanto sujeitos históricos e de direitos, que influenciam não apenas as vidas de pessoas próximas, mas também em um âmbito global. Reconhecer o papel da memória na constituição do sujeito, fazendo paralelo com a cultura e os saberes de cada um. Compreender a História e a memória como construções e, portanto, compreender que não existem versões únicas, mas influenciadas pelas vivências de cada um. Entender que existem fatos, mas que serão sempre permeados de interpretações de quem os conta e quem os ouve ou lê. Conhecer memórias que não estão registradas em livros de História. Reconhecer a importância desses registros para as pessoas que os fizeram e para a sociedade. Desenvolver a escuta e a empatia. Acolher a equipe docente, fortalecendo a ideia de grupo entre os profissionais do CEI. Registrar memórias significativas para a sua constituição enquanto educador.

Conteúdos abordados

Dentre os conteúdos abordados, debateu-se os conceitos de memória, lembrança, História, culturas, inclusive as negadas e silenciadas pelo currículo (SANTOMÉ, 1995) e empatia. Além disso, falamos sobre conceitos de Educação e Educação Infantil, debatendo a importância dos registros para o fazer docente. Nesse sentido, falamos especificamente sobre os Diários de Bordo.

Metodologia/Etapas do desenvolvimento

Entre as incertezas e as inseguranças no trabalho remoto com crianças e bebês, notou-se a continuidade de firmeza de princípios e concepções no que diz respeito à infância e à Educação Infantil. Sendo assim, a equipe não se deixava levar pelas pressões externas e de outras instituições que produziam muitos vídeos ou atividades diárias, mas priorizamos o acolhimento e as relações, percebendo que crianças e adultos também estavam inseguros com a realidade que viveram com o isolamento social. Pensando na necessidade do acolhimento aos pais, a gestão iniciou um processo de duplo acolhimento: às famílias e à equipe. Assim, semanalmente realizou reuniões remotas com os agrupamentos, garantindo o bem-estar de todos e refletindo sobre textos e “lives”.

Em uma dessas discussões, debateu-se a respeito dos Diários de Bordo, que, segundo a Instrução Normativa SME nº 2 (SÃO PAULO, 2019, p. 11)

[...] pode ser considerado como um registro de experiências profissionais e observações, em que a(o) docente que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção de falar sobre o seu fazer cotidiano.

Nesse sentido, essa forma de registro continuou durante o período de suspensão de atendimento presencial, uma vez entendido também como uma forma de propiciar reflexões sobre a prática docente. Com o decorrer do tempo, a sociedade passou a pautar cada vez mais a educação no geral e a Educação Infantil em especial, discutindo-se a necessidade desta e o papel dos professores, principalmente em meio à pandemia. Debateu-se, então, a importância do registro nos Diários de Bordo, uma vez que são documentos oficiais da instituição e evidenciam as reflexões dos docentes sobre o momento único de atendimento remoto a bebês e crianças.

Ao pensar os impactos dessa realidade vivida pelos professores, documentos como os Diários de Bordo serão importantes para retomar o percurso vivido pelos sujeitos e pelas instituições. Com essa discussão, começou-se a pensar mais precisamente a respeito da construção daquilo que chamamos de História e dos documentos que ela utiliza para sua pesquisa.

Paralelamente a esse percurso, as professoras da unidade estavam envolvidas em uma discussão sobre arte e cultura, pois é um tema muito caro a elas. Foi proposto a visita a um museu e, durante as pesquisas, viu-se que Museu da Pessoa poderia auxiliar na discussão sobre o papel do professor e da cultura, valorizando os percursos individuais para a construção do coletivo, afinal, segundo o site da instituição (PROAC-SP, 1991):

Se cada pessoa compreender que todo ser humano importa e que a história de vida de cada um é tão relevante a ponto de ser patrimônio de um museu, teremos uma sociedade conectada por experiências de vida, sentimentos e emoções em contraposição às diversas formas de intolerância. [...] O grande valor do Museu da Pessoa é a escuta, pois vem da escuta a possibilidade de transformação de cada um. O Museu da Pessoa valoriza, também, a inovação, o empreendedorismo, a colaboração e a democratização da memória. O Museu da Pessoa acredita que valorizar a diversidade cultural e a história de cada pessoa como patrimônio da humanidade é contribuir para a construção de uma cultura de paz. Somos um museu aberto e colaborativo que transforma histórias de vida em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos.

A proposição de visitar o Museu da Pessoa foi feita e prontamente aceita pelo grupo e a preparação da visita foi realizada de forma coletiva. Assim, cada educadora realizou uma primeira visita, selecionando histórias, vídeos, narrativas, fotografias que lhe chamassem a atenção e lhe fossem caras. Com a seleção das narrativas sendo realizadas, notou-se que as professoras cada vez mais se lembravam de fatos de suas vidas e muitas vezes escolhiam memórias que tinham semelhanças com suas histórias de vida. É importante ressaltar que, como relata Bosi (1979, p. 3) em sua pesquisa com lembranças de velhos, a “[...] memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...] Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.”.

Debateu-se, então, as ideias de memória como forte e geralmente coletiva e lembrança como mais fraca e geralmente individual. Lemos conjuntamente um trecho de “No caminho de Swann” (PROUST, 2006) e discutimos a respeito das memórias involuntárias, aquelas invocadas por um agente externo, como foram os casos das memórias levantadas pela primeira visita ao Museu da Pessoa.

A memória involuntária não se apossa apenas dos sujeitos, mas também das manifestações artísticas realizadas por estes. Há na arte não apenas construções de ordem consciente ou voluntária que

dialogam com o meio social, mas há também construções corporais, no calor mais íntimo das sensações que, involuntariamente, resgatam o passado em direção ao presente. (RAMIREZ, 2011, p. 113)

Realizamos a visita em uma segunda-feira pela manhã. Nessa visita, falamos sobre o conceito de memória, fisiologia cerebral, a história do Museu, os motivos que nos levaram a visitá-lo (que já foram expostos neste texto) e cada professora apresentou as memórias que foram por elas escolhidas. Organizei a visita em três grandes temáticas: memórias afetivas, nas quais estavam as memórias ligadas a fotografias de famílias, momentos de brincadeiras e animais de estimação; memórias de vida, luta, preconceito, cultura e desigualdades e memórias de educadores.

A cada relato narrado, as professoras faziam ligações com as suas histórias de vida, com as suas memórias. Nesse sentido, não foram raros os momentos em que as emoções tomaram conta da visita, pois as memórias tomaram conta de nós por inteiro. Segundo o registro de uma professora no Diário de Bordo: *“Cada professora apresentou a sua obra que a inspirou. Todas nós acabamos resgatando em nossas memórias sensações e saudades, com uma interação, onde todos trouxeram tudo aquilo que foi importante para cada uma, como inspiração da obra em nossas vidas.”*

Não foi possível terminar a visita em um único dia, por isso nos reunimos no dia seguinte, também pela manhã, para finalizá-la. O mesmo processo de recordações vindo à tona aconteceu, mas por estarmos visitando memórias de educadores, desta vez as memórias foram cada vez mais ligadas à trajetória escolar e ao percurso profissional de cada uma.

Após a visita, propus ao grupo que cada uma escrevesse uma memória para compor o Museu da Pessoa e que tal relato fosse relacionado à constituição de seu eu-educador. Propus, ainda, que após a escrita, compartilhassem com uma colega para correções e troca de ideias e em seguida postassem no Museu. Após, juntaria todos os relatos em uma coleção do CEI.

Com isso, discutiu-se qual é o processo de construção da História e a necessidade de nos vermos enquanto sujeitos dela, transformando a memória pessoal e involuntária em memória histórica, social e voluntária em busca de mudanças efetivas na sociedade em geral e, particularmente, na educação,

proporcionando um empoderamento profissional importante. Isso, pois, segundo Freire (2015, p. 42) faz parte da prática educativa progressista e emancipatória assumir-se “[...] como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.”.

Participantes envolvidos

Equipe composta por dezessete professoras de Educação Infantil, uma auxiliar de berçário e a diretora da Unidade Escolar.

Relação com o entorno

Esse foi um projeto desenvolvido durante a suspensão do atendimento presencial e, portanto, não teve relação com o entorno da Unidade, mas com o entorno da realidade de cada participante e com os acontecimentos da época, tais como a pandemia do novo coronavírus e a discussão sobre o racismo levantada pelo movimento “Black Lives Matter”.

Recursos utilizados

Internet para comunicação, plataforma Microsoft Teams para reuniões, Google Docs para registro nos Diários de Bordo, página do Museu da Pessoa, Google apresentações e compartilhamento de tela durante a visita.

Evidências das aprendizagens, de cada um dos atores/sujeitos alcançados com o projeto e impactos na revisão do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

Foi possível notar, durante todo o percurso, o envolvimento da equipe docente. Em diversos momentos, nas reuniões antes da visita, durante a visita e após, disseram frases que marcaram e evidenciaram as aprendizagens a respeito da memória, da História, da importância dos registros e da possibilidade de ver-se enquanto sujeitos da própria História.

Quando debatíamos acerca das diversas Histórias, por exemplo, discutimos o porquê há várias versões de um mesmo fato e se isso significa que um é verdadeiro e outro falso. Citou-se como exemplo o chamado “descobrimento” do Brasil e a invasão das terras brasileiras ocupadas pelos povos originários. Falamos que, embora ficamos com a versão da invasão e não do “descobrimento” os portugueses, ao escrever a carta declarando isso realmente acreditavam que estavam em uma terra nunca antes explorada. Debates, então, os níveis de racismo e preconceito incluídos no currículo escolar e a necessidade da lei 10.639/03 (BRASIL, 2003).

As várias versões de um mesmo fato levaram à discussão acerca da memória e dos registros e uma professora concluiu, em reunião: *“Isso fica claro quando a gente pensa na Bíblia. Cada apóstolo escreveu uma parte da História que viveu, o que não significa que as demais não aconteceram e que narrativas de um mesmo fato não possam ser diferentes”*. Sabemos que uma aprendizagem aconteceu quando conseguimos transpô-la para outras realidades, sendo assim, fica clara, com a frase da professora, que compreendeu que diferentes experiências com um mesmo fato podem gerar diferentes memórias e registros - e, portanto, diferentes Histórias.

Além disso, ficou claro que aprendemos, conjuntamente, a escutar o outro. Muito debatemos a respeito da escuta de bebês e crianças e, com a correria do dia a dia por vezes esquecemos de ouvir o que nosso colega tem a dizer. Uma das professoras relatou no Diário de Bordo que aprendeu *“[...]que quando eu ouço o outro, eu aprendo com ele, eu compreendo-o, eu enxergo-o, reconheço-o e valorizo sua história de vida, sua essência.”*. Nesse sentido, acredito que o Projeto Político Pedagógico, a partir desse projeto, deva incorporar a escuta e a aprendizagem entre

os pares como parte da formação continuada da instituição, pois ficou evidente a potência desse momento para o desenvolvimento do grupo.

Avaliação

“Falar da nossa profissão me engrandece muito”. Essa frase foi dita por uma professora durante a visita virtual ao Museu da Pessoa e simboliza o quanto, em um momento de isolamento social ocasionado pela pandemia do novo coronavírus, o empoderamento das professoras para pensar sobre sua prática foi fundamental. Para esse trecho do projeto, utilizei-me de relatos nos Diários de Bordo das professoras e falas durante a visita e as reuniões, a fim de realizar uma avaliação do processo, pensando nos objetivos elencados e atingidos.

Inicialmente o projeto foi elaborado, pois viu-se a necessidade de debater o papel social do professor da escola da infância em um momento em que se repensava muitos papéis na sociedade devido à COVID-19 e a necessidade de permanecermos em quarentena. Somou-se a isso o interesse do grupo em entender mais sobre culturas e arte e o papel que o Diário de Bordo assumiu enquanto mecanismo para se repensar a prática pedagógica com crianças pequenas e bebês por meio do uso de tecnologias digitais.

Ao propor a visita ao Museu da Pessoa, esperava-se que as professoras passassem a enxergar seu potencial transformador da sociedade e, ao mesmo tempo, propiciasse um acolhimento a essas pessoas que, devido ao prolongado isolamento, estavam fragilizadas em seu fazer cotidiano. Sobre esse acolhimento, uma professora relatou em seu Diário de Bordo: *“Foi um dia muito legal, realizamos a visita virtual ao museu da pessoa, foi um aprendizado muito rico, foi muito bom conversar, ouvir e contar as histórias lidas e as nossas histórias de vida, as experiências vividas, as reflexões feitas. É até difícil colocar em palavras a experiência vivida hoje, foi um dia de muitas emoções afloradas, lembranças, aprendizado, até agora para mim foi o dia mais especial nessa quarentena, foi um dia de muita reflexão, foram muitas informações compartilhadas. Assim como na história que escolhi compartilhar de Ericson Crivelli, ele diz que foi muito bom ser ouvido e que ele se sentiu muito bem em compartilhar sua história, acredito que seja isso que*

senti, foi muito bom ouvir e ser ouvido, passei o resto do dia me sentindo leve e reflexiva.”.

No que diz respeito à visão de educadores, os registros no Diário de Bordo deixam evidente a importância da trajetória que vivenciamos em conjunto. Uma professora relatou: *“Sai do encontro acreditando mais ainda que o meu papel como educadora é importante e o quanto que vale a pena acreditar e lutar pela educação, pois não tem dinheiro que pague os encantamentos que as crianças me provocam todos os dias e acho que é isso que me dá forças pra continuar e eu quero sempre acreditar e enxergar o potencial que cada criança tem. Ainda estou organizando as emoções que senti nesses últimos dias, tanto que está difícil colocar em palavras tudo o que eu senti e refleti com esse encontro.”.*

As lembranças das trajetórias vividas pelas professoras em idade escolar também foram fundamentais para a consolidação do entendimento do papel da memória na constituição do sujeito educador. Em outro Diário de Bordo, lê-se: *“Quando foi minha vez, respirei fundo e tentei não chorar. Então falei um pouco da história da Dona Idaliana e o porquê me identificava com a história dela. Lembrei de uma professora que me deu aula no 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, seu nome é Gislaine. Lembro dela com os cabelos alourados sempre usando uma tamanco de madeira em seus pés. Ela era brava, mas carinhosa ao mesmo tempo. Lembro que ela costumava jogar pedaços de giz nos alunos que conversavam na hora da explicação. A sala a amava. Aos poucos conforme ia falando fui lembrando tudo que eu fazia, para poder ficar mais perto dela, para poder ficar mais tempo na escola e a emoção veio à tona. Lágrimas caíram, mas foram lágrimas de felicidade, de gratidão, de orgulho por ser a pessoa que sou hoje. Desde pequena sempre tive o sonho de fazer Pedagogia, de me tornar professora. E eu alcancei! Lembrei de tantos olhares e falas que tinham como objetivo me desmotivar, porém eu sempre tive a certeza do que eu queria. Lembrei das minhas tardes na escola, quando eu ajudava “a dar aula”. Recordei-me das “bitucas” de giz que eu recolhia do lixo escondida, lembrei do mimeógrafo que era usado para tirar cópias de atividades naquela época. Lembrei dos papéis de carbono e as atividades com algum erro de cópia que ela jogava no lixo e eu recolhia e levava tudo para casa. Pois quando eu chegasse em casa, ainda “tinha que dar a minha aula”. Neste momento escrevo essas reflexões com um sorriso torto no rosto, como é bom recordar. Tenho orgulho de ser professora, tenho orgulho*

de quem eu sou. E eu não poderia ter escolhido outra profissão se não esta. Que me encanta, que me ensina, que me molda, que me conduz, que me questiona, que me desafia, que me alegra e que acima de tudo me faz sentir completa e não pela metade. Foi rica essa experiência de visitar o museu, de conhecer novas histórias, os relatos de minhas colegas. Foi bom recordar, lembrar da minha infância, lembrar da infância dos meus familiares. Agora estou ansiosa para escrever a minha história no museu da pessoa, para deixar minha marca lá registrada. Pois basta apenas uma vida, para se viver muitas histórias.”.

Também foi perceptível o quanto o compartilhar as ideias fez com que a equipe pedagógica se unisse cada vez mais. Uma professora comentou: *“A visita online ao Museu da Pessoa foi bem significativa. O compartilhamento das histórias, as memórias que foram ativadas em cada um e as diferentes emoções tornaram esse momento bastante especial. Foi interessante também conhecer as histórias das minhas colegas, pois as vezes na correria do dia a dia no CEI não conseguimos parar para compartilhar e aprender com o conhecimento de mundo que cada um tem.”.*

Considero, também, que o projeto atingiu o objetivo no que diz respeito ao desenvolvimento da escuta e da empatia. Em um Diário de Bordo lê-se: *“Foi muito interessante ver as histórias das pessoas no Museu, muitas histórias inspiradoras, impressionantes e afetivas, e foi igualmente interessante ver as histórias de algumas professoras, pois vi diversas perspectivas em relação a vida, experiências, educação. Ao mesmo tempo que ouvia as professoras lembrando de suas infâncias e vidas, também lembrava das minhas. Aprendi hoje que quando eu ouço o outro, eu aprendo com ele, eu compreendo-o, eu enxergo-o, reconheço-o e valorizo sua história de vida, sua essência.”.*

O excerto a seguir também referenda essa avaliação acerca do desenvolvimento da empatia, além de deixar evidente que também foi atingido o objetivo de permitir que o grupo conhecesse memórias que não estão registradas em livros de História, reconhecendo a importância destes para as pessoas que os fizeram e para a sociedade. *“O que eu acho mais incrível do Museu da Pessoa é que são histórias de sujeitos comuns assim como nós e isso mostra que todas as histórias devem ser valorizadas e sem contar que conseguimos relacionar muitos dos relatos com a nossa vida. Acredito que a partir do momento que conhecemos as histórias de outras pessoas isso nos torna seres humanos mais empáticos e nos faz valorizar o*

ser humano e não classificá-lo por raça, cor, sexo e religião. Isso me fez refletir sobre o quanto é necessário compartilhar as histórias de outras pessoas com as crianças e a fala da A. sobre contar a história indígena real sem colocar estereótipos também foi bem necessária e interessante. A fala da P. sobre valorizar a história dos nossos avós foi muito marcante pra mim nesse encontro, pois eu tenho uma avó e uma bisavó que estudaram muito pouco, mas que tem um conhecimento de mundo incrível e o tanto que eu aprendi e aprendo com elas não caberia em um livro. Essa experiência me fez olhar para a história do outro e ao mesmo tempo relacionar com a minha e da minha família e em alguns momentos foi como se eu compreendesse realmente o que aquela pessoa sentiu e eu achei isso muito válido.”

Também nesse excerto, percebe-se o quanto a experiência permitiu compreender a História e a memória como construções sociais, influenciadas pelas vivências de cada um. As professoras compreenderam que existem fatos, mas que são permeados de interpretações de quem os conta, quem os ouve ou lê. Percebe-se, também, que há um reconhecimento do papel da memória na constituição do sujeito, fazendo paralelo com a cultura e os saberes de cada um.

Uma professora registrou no Diário de Bordo: *“A visita foi muito interessante, adorei conhecer histórias de brasileiros incríveis, e hoje falando sobre a Educação, vi pessoas simples fazendo algo, estudando, pesquisando, documentando, criando programas, ONGs e etc., para levar a transformação da Educação para suas comunidades e regiões, isso é realmente inspirador e motivador. A Educação no Brasil sobrevive por causa dessas pessoas e que bom por isso, me deixa feliz e animada para seguir em frente após esses pouquíssimos dias de docência e experiências na Educação.”*. As professoras, portanto, por meio da troca de experiências, memórias e trajetórias, construíram e consolidaram uma visão de equipe, reconhecendo-se enquanto sujeitos históricos e de direitos, capazes de influenciar na vida âmbito global, modificando a educação e transformando o mundo em que vivemos.

A parte final do processo foi registrar memórias significativas para a constituição enquanto educador, transformando uma memória individual em memória coletiva da Unidade Escolar e da Educação Brasileira. Cada professora que se sentiu empoderada para fazer o fez, compartilhou e publicou a história, que pode ser lida na coleção “CEI Vila Inglesa”, que hoje compõe o Museu da Pessoa.

Após todo esse percurso, realizamos como parte do processo avaliativo algumas propostas usando o site “Mentimeter”. Em um deles, realizamos uma nuvem de palavras com quais termos as professoras relacionam com “memória”. Em outro, também elencaram três palavras que exemplificam o que podemos aprender com a memória de outra pessoa. No terceiro exercício, pedia-se uma pequena frase que explicasse a importância da memória. O resultado pode ser observado a seguir e corrobora com o entendimento de que os objetivos do projeto foram alcançados.



Imagem 1: Nuvem de palavras com a sistematização do que as professoras entendem por memória após o projeto. Quanto maior a palavra, mais vezes ela foi citada.



Imagem 2: Nuvem de palavras com a sistematização do que podemos aprender com a memória do outro. Quanto maior a palavra, mais vezes ela foi citada.

Para nos reconectar com o passado e nos guiar no futuro. Além de ter papel fundamental na formação de quem somos hoje.	Para que possamos recordar algo que tenha sido significativo.	Para guardar informações adquirida pela pessoa
A memória é a minha identidade, ao acessá-la lembro de quem sou e a partir dela tomo minhas decisões e decido meu futuro.	Como processo de construção da nossa história: quem eramos, quem somos e como queremos ser.	Para nos lembrar de algo que vivemos e recordar momentos marcantes.
Armazenar fatos que foram significativo e não em nossas visa	A memória serve para recordamos de momentos e situações que experienciamos, e dessa forma ela é capaz nos empulsionar a agir de acordo com novas experiências.	Para formação do Ser humano, a memória faz parte de nós, serve para relembrarmos fatos importantes da nossa existência.
Para armazenar vivências significativas, nos ajudar a fazer escolhas e formar quem nós somos.		

Imagem 3: Relatos sobre “para que serve a memória”.

Por meio das imagens anteriormente apresentadas, percebe-se que ficou bastante forte para as professoras o desenvolvimento da empatia como uma das consequências importantes de ouvir histórias de outras pessoas. Além disso, percebem a memória como algo fundamental, principalmente para reconectar com fatos passados, nos guiando para ações futuras. Também falou-se muito sobre as memórias como identidade, como constituição do ser humano. Nesse sentido, vê-se que o projeto foi significativo para consolidar a visão de cada um enquanto sujeito histórico capaz de transformar a memória pessoal e involuntária em memória histórica, social e voluntária em busca de mudanças.

Autoavaliação

Esse projeto foi bastante desafiador para mim enquanto coordenadora pedagógica, pois envolveu um estudo profundo a respeito de memórias e, portanto, um estudo inédito na área da psicologia para poder dar conta de compreender o que são memórias e como elas afetam o ser humano. Considero que foi um momento importante para poder repensar a forma como são realizadas as formações de professores na unidade escolar. Foi por meio desse projeto que comecei a reformular para que toda a formação de professoras também acontecesse por projetos.

Nesse sentido, considere importante registrar o percurso em um documento compartilhado com a equipe. Acredito que faz sentido que a formação docente seja feita de forma semelhante ao nosso cotidiano pedagógico com as crianças e, portanto, faz sentido que tenhamos um portfólio desse percurso. Com isso, proponho uma mudança radical na forma como estão estruturadas as formações da instituição, passando a organizá-la por projetos.

Tendo ciência de que os desafios cotidianos da coordenação pedagógica são diversos, também tenho ciência de que é preciso que o fazer do coordenador esteja cada vez mais próximo do professor, nesse sentido, a sua prática também deve se aproximar da dele e da concepção pedagógica da instituição. Avalio que, embora desafiador, o projeto “**Memórias (de) educadoras**” foi um passo importante na trajetória da Unidade Escolar, que agora organiza e valoriza a memória de seus sujeitos como fundamentais para a sua constituição.

Considerações finais

O projeto “**Memórias (de) educadoras**” nasceu da necessidade de empoderar as professoras no que diz respeito a seu lugar de fala sobre educação. As incertezas provocadas pela pandemia no novo coronavírus afetaram o fazer docente e a equipe docente se viu frente à complicada tarefa de manter um atendimento remoto à bebês e crianças pequenas. Nesse cenário de muitas dúvidas, a equipe docente resgatou a concepção de infância e criança e não cedeu às pressões por vídeos.

Pensando na necessidade de discutir os percursos que constituíram as professoras como quem são, elaborei o presente projeto visando unir o debate sobre cultura com a trajetória vivida por cada uma. Acredita-se que o projeto foi significativo, na medida em que uniu ainda mais o grupo e possibilitou o entendimento da individualidade como essencial para a construção da sociedade.

Os relatos nos Diários de Bordo evidenciam a autenticidade do debate e das diferentes formas que o projeto tocou cada uma. É importante ressaltar que nem todas as professoras relataram no Diário sobre a visita, pois o processo não foi vivido da mesma maneira por todos. Isso é algo que deve ser pontuado e valorizado, uma vez que as experiências diversificadas foram parte fundamental da proposta.

Observou-se também que a equipe reconhece seu papel enquanto produtora de conhecimento não apenas na instituição escolar, mas fora dela também, ousando deixar seus registros no Museu da Pessoa. O percurso foi desenvolvido como um pontapé inicial para o debate cultural e permitiu o início de uma nova forma de realizar a formação de professores no CEI: também por meio de projetos.

Referências Bibliográficas

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BRASIL. Lei 10.639/03. **Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e cultura africana nas escolas públicas.** Brasília, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 51ª ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 2015.

PROAC-SP. **Museu da Pessoa**, 1991. O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo. Está aberto a toda e qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. Nosso acervo reúne quase vinte mil delas, sem contar as fotografias, documentos e vídeos. Conheça e participe. O Museu da Pessoa é seu também. Disponível em: <<https://www.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa>>. Acesso em: maio/2020.

PROUST, M. **No caminho de Swann.** Trad. Quintana, M. 22. ed. São Paulo: Globo, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2TBoPVE>>. Acesso em: maio/2020.

RAMIREZ, P. **A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin.** São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/4424/3478>>. Acesso em: maio/2020.

SANTOMÉ, J. As culturas negadas e silenciadas no currículo. in SILVA, T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: RJ, 1995.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Instrução Normativa SME nº 02**, de 6 de fevereiro de 2019 – Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME / DOT, 2019a.